

ATIVIDADE DOUTRINÁRIA: A “MISSÃO HISTÓRICA” DO JORNAL *O SERRINHENSE*

AMÉLIA SABACK ALVES NETA*

No domingo de 5 de janeiro de 1936, o semanário *O Serrinhense*, propriedade do Chefe do núcleo integralista de Serrinha, Bráulio de Lima Franco (1910-1995), publicou na página 3 um texto de Plínio Salgado, intitulado “A missão da Imprensa”, no qual o Chefe Nacional assegurava que a “grande missão” dos jornais brasileiros era “doutrinar”. Referia-se à “boa doutrina” que pairava sobre a sociedade e era capaz de repetir “verdades elementares” como garantia de desenvolvimento do povo e de equilíbrio das “forças econômicas e sociais da Nação, num rumo de superior finalidade política”. Sintetizava o seu pensamento acerca do papel da imprensa, recurso bastante explorado pela direção deste periódico local, da seguinte maneira: “doutrinar sem cessar, fora dos terrenos das competições, à margem e acima dos partidos, dos grupos, das associações, dos conchavos e dos cambalachos.”¹

O Serrinhense perseguiu e atingiu esse objetivo em diferentes edições, ao longo da década de 1930. Fundado em 18 de maio de 1924, por Reginaldo Cardoso Ribeiro, o periódico passou, em 1932, a ser propriedade do cunhado Bráulio Franco, que antes de 1930 trabalhava em sua oficina como tipógrafo. Iniciou-se como colaborador do jornal nos anos de 1920 e passou a ser seu diretor-proprietário e principal articulista de 1932 a 1951.

Bráulio Franco era filho de Joviniano Alves Franco, produtor rural e comerciante de cereais e bebidas, e de Rosa de Lima Franco, de família católica. Seguiu caminho oposto ao do pai na vida profissional e no interesse pela política. Casou-se, em 1939, com Zilda Paes Cardoso, descendente da 7ª geração da família do fundador de Serrinha, Bernardo da Silva. Além de jornalista e comerciante de livros e artigos de papel, o homem que se associou ao integralismo no município era poeta, escritor e músico. Entre 1955 e 1959, na gestão de

*Possui mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local – PPGHIS, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus V. Enquanto parte da dissertação apresentada ao programa, este trabalho contou com o auxílio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB.

¹ “A missão da Imprensa”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 5 de janeiro de 1936, Ano XII, n. 30-581, p. 3.

Horiosvaldo Bispo dos Santos, foi eleito vereador pelo Partido de Representação Popular (PRP) e assumiu o cargo de secretário municipal. (FRANCO, 2010: 81; 1996: 259)

Os números analisados de parte de 1932, de 1935 e 1936 de *O Serrinhense* revelaram a sua linha integralista, em correspondência com as opções políticas de Bráulio Franco e do seu diretor-gerente, Claudionor Ferrera, até 16 de março de 1936. De “semanário imparcial, noticioso e literário” e “hebdomadário independente, imparcial, noticioso e literário”, o semanário foi convertido em “órgão” do núcleo integralista de Serrinha e em importante ferramenta na missão doutrinária, como informou a própria redação.²

Já nas edições de janeiro a maio de 1932, sob direção e como propriedade de Reginaldo Ribeiro, foram publicadas matérias, assinadas pelo futuro líder integralista Rubem Nogueira (1913-2010), e notícias dos jornais de cidades da região, como *O Popular* de Alagoinhas, redigidas por figuras reconhecidas pelo “talento jornalístico”, a exemplo de Salomão Barros, Ponciano Jaqueira e Alcindo de Camargo, dois dos quais representariam o integralismo no município. (BARROS, 1979: 301) A partir do ano de 1935, investiu na propaganda doutrinária da AIB, noticiou as atividades dos integrantes locais e de distritos e povoados vizinhos, combateu os inimigos políticos do integralismo, os liberais e os comunistas, e avaliou a política nacional e internacional.

Ainda em 1936, mas depois de ter se lançado em uma campanha aberta em favor do integralismo, durante as eleições municipais de janeiro, a redação abriu parênteses para explicar a sua “consciente” posição de propagador da doutrina integralista, dizendo-se assumir uma “atitude coerente e absolutamente digna”. Nesse apoio dado à “Revolução Integralista”, a redação garantia ter descoberto os elementos essenciais à “Renovação Nacional”. O integralismo era considerado um “antídoto” contra o liberalismo e a “politiquice”:

[...] preconizando a extinção de todos eles [os “partidos indígenas”] e o advento das entidades corporativas, para o exercício da verdadeira e única Democracia; e sobretudo exigindo sacrifícios pessoais, com a prática de uma disciplina fecunda, para a formação de elites cultas que possam e venham a dirigir os destinos da Pátria unida, a Revolução Integralista, assim agindo, seduziu-nos de modo

² Do ano de 1932 foram localizados e analisados os números de 3 de janeiro a 29 de maio. As análises se reiniciaram em 26 de maio de 1935 e se estenderam a 17 de maio de 1936.

*irresistível e nós lhe demos o apoio que nos era possível, a fim de auxiliá-la na sua obra imensa de salvação de um povo infeliz e escravizado.*³

Nesse clima eleitoral, a imprensa como tema recorrente dos textos publicados em *O Serrinhense* foi mais uma vez alvo de Plínio Salgado, ao ser abordada no Manifesto-Programa de 1936, em parte, reproduzido no jornal. Entre os planos traçados nesse documento, estava o de moralização da imprensa, considerada “impatriótica” e “aduladora”. Plínio Salgado condenava a “falsa liberdade” dada pelo governo a esse setor, por ele visto como um “real poder”, como “parte integrante da direção do Estado”. A censura à imprensa, o mau uso que dela tinha sido feito e as possibilidades de colaboração com o Estado, cobrava dos jornalistas e das empresas jornalísticas uma “revolução” que poderia ser encabeçada pelo integralismo:

*Dando autodireção à Imprensa, definindo-lhe as responsabilidades perante a Pátria, facultando-lhe poderes de defesa material e moral, confiando-lhe uma missão no Estado, elevando e dignificando o jornalista, cuja profissão será criada com todas as garantias, o Integralismo realizará uma verdadeira revolução nesse importante setor social.*⁴

O jornal no integralismo tinha um papel importante, na medida em que cumpria a “missão doutrinária” de levar o “corpus teórico” integralista, de modo uniforme, aos lugares mais distantes do país. Fator que explica a padronização da imprensa e a reprodução em jornais do interior, do tipo de *O Serrinhense*, de textos e discursos das lideranças nacionais do movimento, a exemplo de Plínio Salgado, Miguel Reale e Gustavo Barroso. (CAVALARI, 1999: 79-85) Embora não tivesse sido criado para o integralismo, passou a adotar essa linha política e se colocar a serviço do movimento, sobretudo depois que se tornou propriedade de Bráulio Franco.

No cabeçalho do jornal ocorreram modificações na fase em que Bráulio Franco assumiu a direção. Foram acrescentados, como se observou nos números examinados, os títulos de “hebdomadário independente” e de “defensor dos interesses do município e do nordeste do Estado”, além do endereço das oficinas que passaram a funcionar em prédio próprio, na rua 2

³ “Um parêntese na campanha”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 1 de março de 1936, Ano XII, n. 38-589, p. 1.

⁴ “Colaboração da Imprensa com o Estado”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 16 de fevereiro de 1936, Ano XII, n. 36-587, p. 3.

de julho, nº 10. O ano de fundação que constava nas edições anteriores também foi suprimido e o nome do “diretor-proprietário”, alterado.

Mais do que simples informações, essas mudanças indicaram a estabilidade alcançada pelo jornal, que além de ter se instalado em prédio próprio, passou a autodenominar-se semanário independente, e revelou os propósitos abrangentes da sua redação. De fato, *O Serrinhense* ampliou o seu raio de cobertura para além de Serrinha, abarcando municípios e distritos situados no “nordeste do Estado”, que com a cidade mantinham contatos, oferecendo elementos das redes de relações construídas pelos integrantes do movimento e noticiando aspectos da atividade integralista nos núcleos da região.

Em diferentes notas, o periódico reivindicou o lugar de defensor dos interesses dos nordestinos, sertanejos e das “causas justas”, portanto, como aquele que, defendendo o interesse coletivo, visava “zelar pela boa ordem da causa pública”.⁵ Em comemoração ao seu 11º aniversário de fundação, o jornal colocou-se como “parte integrante da vida da cidade” e apresentou uma visão de futuro para os rumos do jornal.⁶ *O Serrinhense* constituiu-se em veículo opinativo de informação na cidade. Embora tivesse circulação local ou nuclear, o seu tempo de duração em Serrinha e arredores, sob direção do integralista, foi de 19 anos. (FRANCO, 1996: 256)

No que diz respeito à situação financeira, é provável que tenha se mantido com recursos próprios. Não foi localizado nenhum registro, ao longo das edições, acusando o recebimento de auxílio do núcleo provincial ou até nacional. Foram publicados, no entanto, textos de Menotti Del Picchia, diretor da União Jornalística Brasileira (UJB), que tratavam das dificuldades enfrentadas pela imprensa do interior e pelo jornalista. Obstáculos ligados ao “trust” de papel, à impossibilidade de renovar o material tipográfico e à falta de recursos para mantê-lo. Menotti Del Picchia prontificava-se a lutar por esses jornais e criticava o descaso do governo e da Associação Brasileira de Imprensa.

⁵ “Coisas da Cidade”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 22 de dezembro de 1935, Ano XII, n. 29-580, p. 2. “As imponentes festas do dia 1º em Santa Luzia”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 8 de setembro de 1935, Ano XII, n. 15-560, p. 1. “Que clamorosa injustiça! – Um estafeta do interior ganha, apenas, 70\$000 mensais”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 10 de maio de 1936, Ano XI, p. 2.

⁶ “Coisas da Cidade – O aniversário de ‘O Serrinhense’”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 17 de maio de 1936, Ano XI, n. 49, p.2.

Como salientou o diretor da UJB, se, isoladamente, correspondiam a uma “força solitária”, em conjunto, os jornais do interior, representariam a “opinião nacional”, daí a proposta de se criar a “Federação dos Jornalistas no Interior”, visando defender esse “veículo eficaz de socialização de cultura, de higiene e de instrução”.⁷

Rodrigo Santos de Oliveira ao apresentar um “histórico” da imprensa integralista, no período de legalidade da AIB, de 1932 a 1937, observa que a relação entre integralismo e imprensa é íntima. O próprio movimento surgiu a partir da iniciativa de criação do jornal *A Razão*, em 1931, como poderoso “instrumento ideológico”. (OLIVEIRA, 2011: 19-46) Para o autor, a proporção entre número de integrantes e de núcleos e a quantidade de jornais editados demonstrou a importância atribuída a esse meio de propaganda doutrinária.

Rodrigo Oliveira distingue também os jornais de circulação nacional dos de circulação regional e local, a partir da análise de seus propósitos. Para este trabalho, no entanto, interessam as considerações feitas acerca dos jornais provinciais ou nucleares, nos termos do autor. À luz delas, em *O Serrinhense* podem ser encontradas características de ambos os tipos, embora não tenha sido um jornal criado para o movimento. (OLIVEIRA, 2011: 25-27)

Nas edições de formato tabloide, em papel jornal, de quatro páginas, as matérias e as notas misturavam-se às propagandas de charutos, livrarias, elixires, concentradas na terceira página. Geralmente nas duas primeiras predominavam notícias internacionais e nacionais e textos com fins doutrinários, escritos por lideranças integralistas locais, regionais e nacionais. A maioria das matérias era concluída na última página, ao lado de colunas informativas como “sociais”, “natalícios”, “nascimento”, “hóspedes e viajantes”, com a apresentação de um quadro geral da vida social de integralistas e simpatizantes na cidade.

O fato das edições apresentarem ao mesmo tempo notícias nacionais e regionais de núcleos espalhados pelo nordeste do estado assegurava, como observou Rodrigo Oliveira, a conquista dos fins doutrinários e criava um “elo de pertencimento” entre os integrantes e as chefias ao movimento. No caso de *O Serrinhense*, isso se materializava em seções como a “Coluna Sigma”, geralmente localizada na página 3, no espaço reservado aos informes das

⁷ “Os jornais do interior e o papel – Uma entrevista de Menotti Del Picchia a ‘A Plateia’ de São Paulo”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 4 de agosto de 1935, Ano XII, n. 12-563, p. 2. “Heróis obscuros”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 1º de setembro de 1935, Ano XII, p. 1.

atividades de núcleos da região. Pelas discussões de Rodrigo Oliveira, essas poderiam ser consideradas características de jornais regionais. Nesse caso, entretanto, trata-se de um semanário local ou nuclear que apresenta especificidades, sobretudo, no que diz respeito à estabilidade e durabilidade de sua produção.

A “leitura subjetiva” desse jornal em torno de fatos como as atividades de Luiz Carlos Prestes na ANL é outro fator que atesta a dimensão nuclear desse tipo de produção, segundo o referido autor. Mesmo sem ser “oficial” do partido, *O Serrinhense* difundiu a doutrina, cumprindo a “missão histórica” e aproximou os integralistas uns dos outros e dos seus núcleos. Frequentemente, os colaboradores regionais referiam-se a Plínio Salgado, citando-o diretamente ou reafirmando o seu lugar de Chefe Nacional do Estado integral, quando não eram publicados textos inteiros do próprio dirigente.

Associados aos incansáveis questionamentos, às denúncias e aos ataques direcionados aos comunistas, especialmente os aliancistas, publicaram-se textos discutindo a relação do integralismo com o fascismo e o nazismo, o extremismo e o governo Vargas, e os “problemas” do sufrágio universal, do liberalismo, do capitalismo internacional e do judaísmo. Esta última questão foi abordada várias vezes por integralistas como Menotti Del Picchia e Gustavo Barroso, ambos inclusos no grupo de intelectuais da AIB.

Desde 1932, foram publicados textos simpáticos à Alemanha e ao nazismo, do integralista Rubem Nogueira, por exemplo. Ao longo das edições, o tema reapareceu com certa frequência, entre as avaliações da política internacional ou como forma de apoio ao fascismo italiano e à “força” da Itália, da Alemanha e do Japão contra a “onda vermelha” que se espalhava, segundo as notas, pelo mundo. Na matéria, “Bode preto, bolchevismo e imperialismo”, Menotti Del Picchia associa fascismo e cristianismo, de um lado, e alinha, de outro, a maçonaria, o bolchevismo e o imperialismo inglês.⁸

Em relação ao governo Vargas, o jornal foi enfático, como se verificou em uma nota de junho de 1935: “‘O Serrinhense’ não [o] combate sistematicamente. Porque essa modalidade de combater fere a boa ética da imprensa que edifica, que constrói, que guia, enfim. [...] ‘O

⁸ “Bode preto, bolchevismo e imperialismo”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 23 de fevereiro de 1936, Ano XII, n. 37-588, p. 2.

Serrinhense' combate abertamente o atual regime, incontestavelmente falido e desmoralizado.”⁹

Essa posição ofensiva pode ser explicada pelo contexto de ascensão da Aliança Nacional Libertadora e, com isso, de pressão dos integralistas sobre o governo. A cobrança era de duplo sentido e se intensificou após aprovação da Lei de Segurança Nacional, em abril de 1935. Ao mesmo tempo em que os integralistas apostavam na imobilização dos aliancistas pela LSN, entendidos como comunistas, sobreviviam à sua sombra. Reclamavam a manutenção da AIB, alegando que era um movimento ordeiro, que possuía inscrição e não representava ameaça social, nem atingia os valores de “Deus, Pátria e Família”, conforme reconheciam Getúlio Vargas e o capitão de Polícia do Distrito Federal.¹⁰

Após o movimento aliancista de novembro de 1935, Plínio Salgado ofereceu apoio ao governo, ao disponibilizar 100 mil camisas verdes para “lutar pela Pátria”. O jornal publicou o telegrama-resposta de Vargas, em agradecimento à “patriótica manifestação de solidariedade ao governo”, desses “bons brasileiros”. Enquanto o governo perseguia e reprimia os envolvidos no levante armado de novembro, os integralistas nucleados em *O Serrinhense* saudavam-no em sucessivas notas.¹¹

As exonerações e prisões, em nível nacional, respaldaram as pressões dos integralistas sobre o governo estadual, de Juraci Magalhães. Apoiaram, ainda, a prorrogação do “estado de sítio”, em nome da “segurança nacional”. A ampliação dos poderes do executivo impediria para esses integralistas, novas tentativas golpistas dos comunistas e corrigiria as incoerências na política de segurança. Comentando as pretensões de Vargas de estabelecer o “estado de guerra”, argumentaram que no regime liberal democrático o problema do comunismo só

⁹ “Uma grande vitória”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) de 16 de junho de 1935, Ano XII, n. 5-556, p. 1.

¹⁰ “O Sr. Getúlio e o Integralismo”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 21 de julho de 1935, Ano XII, p. 1. “O Sr. Getúlio Vargas e os integralistas”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 8 de dezembro de 1935, Ano XII, n. 27-578, p. 3. “A Ação Integralista Brasileira é perfeitamente legal – A íntegra da entrevista que o Cap. Felinto Müller, Chefe de Polícia do Distrito Federal, concedeu a ‘A Ofensiva’”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 16 de fevereiro de 1936, Ano XII, n. 36-587, p. 2.

¹¹ “O gesto do Integralismo”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 31 de novembro de 1935, Ano XII, n. 26-577, p. 4.; “O Sr. Getúlio Vargas e os Integralistas”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 8 de dezembro de 1935, Ano XII, n. 27-587, p. 3.; “Faziam propaganda extremista”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 15 de dezembro de 1935, Ano XII, n. 28-579, p. 1 e 4.; “Pela tranquilidade da Pátria”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 8 de dezembro de 1935, Ano XII, n. 27-578, p. 1.

poderia ser resolvido “pela violência, pela repressão implacável de quaisquer de suas manifestações rebeldes, sob pena de perder a Pátria”.¹²

Essas “incoerências”, às quais se refere a nota, denunciadas constantemente pelo jornal, implicaram na mudança de opinião em relação ao governo, por vezes, adjetivado de “fraco” e “covarde”.¹³ O governo passaria a ser responsabilizado por não tentar impedir as atividades dos aliancistas, através da Lei de Segurança Nacional.

Apesar disso, a posição do jornal e dos integralistas em relação ao governo Vargas oscilou bastante. Além de ter demonstrado certa tolerância, pondo em destaque, ainda no ano de 1935, declarações de Vargas favoráveis ao integralismo, à medida que o tempo passou, em 1936, o jornal enfatizou a “coloração esverdeada” dos discursos do presidente. Vargas condenava a “ideologia judaico-soviética”, protegia os “pilares da nacionalidade” e a ideia de “Deus, Pátria e Família”, confiava na “mocidade patriótica” e acreditava na força da educação disciplinadora.¹⁴

Em abril desse mesmo ano de 1936, no entanto, o Serviço de Imprensa do Departamento Nacional de Propaganda fez circular a matéria intitulada “O Brasil forte e unido”. O texto reforçava as imagens do comunismo como um “estrangeiro”, que invadiu a “intimidade” do país “livre”, de Prestes, como traidor da pátria onde nasceu e da que o “adotou” e de Vargas, enquanto salvador da pátria e por todos apoiado: “O atual presidente não representa, hoje, apenas o governo do Brasil; ele é o símbolo do próprio Brasil, forte, calmo, consciente da sua força, confiante no seu futuro, cioso da independência e da dignidade nacional.”¹⁵

Essa alternância dos integralistas locais em relação ao presidente revelava o clima político dos anos de 1935 e 1936, com o crescimento da AIB, o impulso dos comunistas,

¹² “Será prorrogado por 3 meses o estado de sítio? – O presidente Getúlio Vargas quer, também, o estado de guerra”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 22 de dezembro de 1935, Ano XII, n. 29-580, p. 1.

¹³ “Faça-se justiça serena e severa”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 22 de dezembro de 1935, Ano XII, n. 29-580, p. 1.; “Contemporizações perigosas – o ilustre Sr. Estácio de Lima”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 22 de dezembro de 1935, Ano XII, n. 29-580, p. 2.; “O extremismo da política municipal – o Sr. Getúlio Vargas foi censurado, em Itabuna”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 12 de janeiro de 1936, Ano XII, n. 31-582, p. 1.

¹⁴ “Confiança na mocidade! – Em torno do discurso do Sr. Presidente da República”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 5 de janeiro de 1936, Ano XII, n. 30-581, p. 1.; “Um Discurso-Bomba”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 17 de maio de 1936, Ano XI, n. 49, p. 1.

¹⁵ “O Brasil unido e forte”. *O Serrinhense*. Serrinha (Bahia) 19 de abril de 1936, Ano XI, n. 45, p. 3.

agregados na ANL e a habilidade do governo Vargas, que já arquitetava os planos continuístas para 1937. Em outro sentido, refletia a insegurança das chefias nacionais da AIB, principalmente, de Plínio Salgado.

As avaliações lançadas sobre a política brasileira atestam a insatisfação com os seus “erros” e “contradições”, resultado do contínuo choque de “forças antagônicas”. Plínio Salgado, em tom pessimista, referiu-se em nota às “tramas”, às “conspirações” e às “desumanidades” da política no Brasil e no mundo. Na sequência, atingiu o cerne do problema: “As correntes políticas se infiltram mutuamente. Multiplicam-se os espíões. [...] O materialismo cai sobre todos como um crepúsculo.”¹⁶

A ideia de declínio e decadência da política brasileira, proposta pela imagem do “crepúsculo”, remete à maneira como os integralistas enxergavam, ou deveriam enxergar, a propagação do “materialismo”, expressão do comunismo internacional. Os integralistas atribuíam ao liberalismo democrático a responsabilidade de promover a expansão comunista; o regime era comparado a um “cadáver em adiantada putrefação”. O Estado liberal, para os integralistas, era uma “mistificação”, cuja falsa noção de “liberdade” provocava desequilíbrios sociais, mas possuía a derrota final anunciada por uma “nova força” que trinfaria.¹⁷

A crítica ao sistema político e ao governo esteve frequentemente relacionada às denúncias da precariedade da educação no Brasil e no interior do estado. Uma vez que o integralismo era considerado uma “escola de civismo”, e como tal dizia enxergar o problema do analfabetismo como questão de prioridade, os integralistas autorizavam-se a tratar do assunto. Denunciavam as dificuldades enfrentadas pelo professor do interior, como falta de mobiliário e de material didático, e a falta de escolas para o grande contingente de alunos em idade escolar, buscando evidenciar a “penúria”, a que estava relegada a instrução dos

¹⁶ *O Serrinhense*. Serrinha (Bahia), 26 de maio de 1935, Ano XII, n. 2-553, p. 1.; “Contradição”. *O Serrinhense*. Serrinha (Bahia) de 23 de junho de 1935, Ano XII, n. 6-557, p.1.

¹⁷ “Pela tranquilidade da Pátria”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 8 de dezembro de 1935, Ano XII, n. 27-578, p. 1.; “O banquete dos Deuses”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 17 de novembro de 1935, Ano XII, n. 25-576, p. 1.; “A metafísica do estado liberal”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 17 de janeiro de 1936, Ano XII, n. 32-583, p.3.; “Liberdade?”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 17 de maio de 1936, Ano XI, n. 49, p. 2.

sertanejos. Não fosse a iniciativa pessoal de alguns professores, segundo o jornal, as aulas não aconteceriam.¹⁸

O jornal ressaltava também a necessidade de se construir escolas primárias em distritos com altos índices de analfabetismo, a exemplo do de João Vieira e de Pedras Altas. Segundo as notas, a arrecadação do município de Serrinha era suficiente para a fundação de instituições capazes de atender às crianças.¹⁹

A perspectiva de educação das massas que os camisas verdes pretendiam pôr em prática era moralizadora, cívica e deveria favorecer a implantação do Estado integral. Esse modo de entender seria reforçado entre 1935 e 1937, quando as campanhas por alfabetização refletiam a preocupação em formar o eleitorado integralista. Intenção que justificava, em alguma medida, a proliferação de escolas de alfabetização em núcleos integralistas. A escola de alfabetização “Alberto Mota”, que levava o nome de um falecido partidário do Sigma de Serrinha, fundada na fazenda “Degraus”, na cidade de Alagoinhas, em março de 1936, foi um exemplo citado pelo jornal da iniciativa dos integralistas.²⁰

Outros temas frequentes no jornal são os do comunismo, liberalismo, judaísmo e capitalismo, que apareciam alinhados em matérias que visavam justificar a inevitável “morte” do regime liberal, a derrota do comunismo e o alvorecer do Estado integral. O conjunto dos textos apresenta, como foi visto, forte conteúdo antiliberal, anticomunista e antisemita, além de mostrar a completa afinidade entre os textos das lideranças nacionais e das locais, garantindo a manutenção da hierarquia e a reprodução das ideias.

Para tratar da maioria dos temas, porém, a direção do semanário contou com a assídua colaboração de dois engajados integralistas, o Chefe municipal de Tucano, Demóstenes Martins e o serrinhense Rubem Nogueira. Assumindo posições de liderança no movimento, ambos ganharam destaque em sucessivas edições do jornal. O primeiro pelas atividades no

¹⁸ “O sacrifício dos professores públicos no interior”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 15 de setembro de 1935, Ano XII, p. 1 e 4.

¹⁹ “O arraial de João Vieira precisa de uma escola primária – Existem, ali, dezenas de crianças analfabetas”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 12 de abril de 1936, Ano XI, n. 44, p. 1 e 4.; “Casas de jogo em vez de escolas – As crianças de Pedras Altas imploram cartas de ABC”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 19 de abril de 1936, Ano XI, n. 45, p. 2.

²⁰ “A história dos trãnsfugas de Itabuna”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 23 de fevereiro de 1936, Ano XII, n. 37-588, p. 1.; “Escola de Alberto Mota – A homenagem dos integralistas alagoinhenses a um camisa verde falecido”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 12 de abril de 1936, Ano XI, n. 44, p. 2.

núcleo de Tucano e pelas avaliações feitas sobre a situação do movimento, e o último por emitir regularmente mensagens de forte conteúdo doutrinário, através das “palestras integralistas”, exatamente como eram divulgadas na segunda página do semanário.

Demósthene Martins chefiou “caravanas” para instalação de núcleos integralistas em municípios próximos a Tucano, como Pombal; empenhou-se, segundo o jornal, na propagação da “ideia integralista” naquela região; e expôs suas avaliações sobre o integralismo e as atividades dos aliancistas. Em matéria de título incisivo, “Integralismo não é extremismo”, por exemplo, contesta a tentativa dos opositores, através de jornais não listados em nota, de incluir o movimento no âmbito das “correntes extremistas” que se agitaram depois dos “tenebrosos planos comunistas”. Ele reforçou a ideia, construída a partir de sucessivos textos, de que a AIB agiu dentro da “lei de segurança”, principalmente por possuir inscrição no Tribunal Superior Eleitoral (TSE), o que, para Demósthene Martins, não fazia dele um partido meramente político e o diferenciava do Partido Comunista, ao qual foi negado o registro.²¹

Esse esforço do autor da matéria para retirar o integralismo do campo da ameaça política e social, completou-se com a sua explicação acerca dos objetivos da AIB no Brasil, evidenciando o domínio que tinha do programa doutrinário do partido:

Manter o regime republicano e constitucional, consolidar ainda mais os princípios básicos da existência da nacionalidade brasileira concretizada na trilogia – Deus – Pátria – Família, criar, dentro desse regime, o Estado Integral substituindo o sufrágio universal pelo voto corporativo ou sindical; instituir um governo forte que represente a vontade de todas as classes, devidamente organizadas, a fim de que possa dirigir a economia nacional evitar a exploração do capitalismo contra o bem-estar coletivo; combater o materialismo, causa principal do comunismo, e finalmente, dar ao nacionalismo brasileiro uma realidade mais profunda.²²

O materialismo histórico e a ilegalidade do PC foram os pontos em torno dos quais os integralistas agregados no semanário concentraram os textos voltados para os comunistas e integrantes da ANL. Na mesma matéria, Demósthene Martins associa comunismo e

²¹ “O Integralismo no Nordeste – A instalação do Núcleo de Pombal”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) de 16 de junho de 1935, Ano XII, n. 5-556, p. 2.; “Integralismo não é extremismo”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) de 28 de julho de 1935, Ano XII, p. 2. A Lei de Segurança Nacional foi aprovada em abril de 1935 e em julho do mesmo ano, Vargas assina o decreto de fechamento da ANL.

²² “Integralismo não é extremismo”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) de 28 de julho de 1935, Ano XII, p. 4.

extremismo, situados em plano oposto ao integralismo, na mesma lógica de oposição e negação que afirmava existir entre “cristianismo” e “ateísmo”:

Integralismo é ordem – extremismo é desordem; integralismo é cultura – extremismo é força bruta; integralismo é o culto da pátria dignificada por um sentimento profundamente nacionalista – extremismo é o aniquilamento da ideia da pátria, confundida e esmagada pelo cosmopolitismo internacional; integralismo é família amparada e respeitada, formando a base sólida da nacionalidade – extremismo é a dissolução da família e o advento do amor livre, que degrada e animaliza a humanidade; integralismo é o primado da inteligência espiritualizada na concepção da ideia de um “Deus que precede o Universo, como Criador, e que o dirige para a suprema finalidade, que é a Perfeição” – extremismo é o materialismo violento, tentando subjugar os anseios da alma humana; integralismo é Paz, Justiça, Direito, Razão, Ordem – extremismo é Anarquia, Prepotência, Desordem, Violência, é, finalmente, a destruição completa da civilização cristã, após vinte séculos de grandes conquistas sociais e espirituais.²³

Essa matéria, da qual foram transcritos os trechos acima, foi publicada duas semanas após a notícia de fechamento das sedes da ANL, que, conforme a nota no jornal, sob a “farsa” de “nacional” e “libertadora” era chefiada por Luiz Carlos Prestes e pretendia degradar a “família” brasileira, bem como acabar com “Deus” e a “Pátria”.²⁴ Até esse momento as matérias que tratavam da questão comunista se referiam às tentativas de “bolchevização” dos proletários, por parte do partido de Prestes. Em seguidas notas, a redação questionou a eficácia da “lei de segurança” do governo, constatando a sua incapacidade de impedir o funcionamento desse partido que divulgava as “ideias de Moscou”.²⁵

Em fins de junho de 1935 o tom dos artigos foi modificado, como demonstra o alerta emitido aos sertanejos por Demóstenes Martins, em “Aliança Libertadora ou Aliança Terrorista?”, “Cuidado, sertanejos: se prezais a honra e a tranquilidade de vossas famílias; se quereis a garantia de vossa propriedade; se não quereis ver o vosso Deus, que é também o nosso, ultrajado à moda soviética, sejais, desde já, integralistas. Não há outro caminho.”²⁶ A

²³ “Integralismo não é extremismo”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) de 28 de julho de 1935, Ano XII, p. 2.

²⁴ “O Governo mandou Fechar as Sedes da Aliança ‘Libertadora’”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) de 14 de julho de 1935, Ano XII, p. 4. A nota trata, ainda, da satisfação dos comunistas diante da proibição da milícia integralista, transformada pelo Chefe Nacional em “Departamento de Educação Física”.

²⁵ “A Aliança Libertadora”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 26 de maio de 1935, Ano XII, n. 2-553, p. 1.; “Aí vem Carlos Prestes”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 2 de junho de 1935, Ano XII.; “Comunismo disfarçado”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) de 16 de junho de 1935, Ano XII, n. 5-556, p. 1 e 4.

²⁶ “Aliança Libertadora ou Aliança Terrorista?”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) de 23 de junho de 1935, Ano XII, n. 6-557, p. 2.

centralização do tema na ANL ia cedendo lugar à questão eleitoral, em função da aproximação do pleito de 1936.²⁷ (FAGUNDES, 2011: 241-256)

Mais do que uma alternativa, o integralismo aparece no trecho acima como a única via diante da falta de “estabilidade” e dos riscos provocados por uma agremiação – a ANL – cuja “exclusiva finalidade” era a derrota do movimento, depois de lhe ter convidado a lutar, em torno da “bandeira libertadora”, durante o primeiro manifesto lançado ao povo, conforme recordou o integralista:

Se não nos falha a memória, nesse mesmo manifesto, os aliancistas-chefes se apresentavam tão benevolentes e camaradas, que chegaram à extrema gentileza de convidarem os integralistas, para cerrarem fileira em torno da nova bandeira libertadora, cuja cor, aliás, ninguém sabe ainda se é preta ou vermelha.²⁸

É provável que Demóstenes Martins estivesse se referindo ao manifesto de março de 1935, “Pela Aliança Nacional Libertadora”, no qual os aliancistas concitavam o “povo” do Brasil e da Bahia a lutar contra o capitalismo estrangeiro, responsável pelo imperialismo e o feudalismo no país. A ANL, nesse documento, é apresentada como uma organização não partidária, constituída pelas “massas populares” em ação política, na fileira da qual Luiz Carlos Prestes ganha destaque pela sua “linha de luta, sincera e inflexível”. O texto, que é uma preliminar de criação de uma seção da ANL no estado e uma justificativa para sua existência, convoca a sociedade a participar da assembleia pública. Os integralistas, de fato, aparecem entre os convidados, ao lado dos intelectuais, estudantes, operários, camponeses, industriais, comerciantes, militares, socialistas, socialdemocracia, autonomistas, patronovistas, liberaldemocracia, comunistas, entre outros.²⁹ (LINS, 2007: 125-129)

Jacira Cristina Santos Primo, em seu trabalho sobre a Aliança Nacional Libertadora, afirma que a célula baiana começou a ser organizada em abril de 1935, após a reunião de 30 de março, ocorrida no Rio de Janeiro, quando a entidade foi apresentada oficialmente e o nome de Luiz Carlos Prestes sugerido e aprovado como “presidente de honra”. (PRIMO,

²⁷ Segundo Pedro Fagundes, a partir do II Congresso Nacional, ocorrido em 1935, a AIB transformou a tática política “revolucionária” para a “eleitoral”, haja vista o projeto de conquista do poder e as perspectivas das eleições. Isso repercutiu na centralização temática do que o autor chama de “imprensa verde”.

²⁸ “Aliança Libertadora ou Aliança Terrorista?”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) de 23 de junho de 1935, Ano XII, n. 6-557, p. 2.

²⁹ “Pela Aliança Nacional Libertadora”. *Manifesto*. Bahia, março de 1935. Processo 171 do Tribunal de Segurança Nacional. AN.

2006: 34-35) Com o manifesto de março de 1935, pressupõe-se que a articulação em torno da proposta de criação de uma seção na Bahia surgiu um pouco antes. O convite lançado aos diferentes segmentos da sociedade para a luta contra o capital estrangeiro sinalizava a intenção inicial da ANL de congregar agremiações e grupos sociais em torno do anti-imperialismo e antilatifúndio, algo que se transformaria em uma frente política de coloração antifascista.

Sobre a relação entre a composição da ANL e a amplitude do seu programa político, Jacira Primo observa que o fato de lutar por demandas sociais e políticas interferiu no sucesso da agremiação, diante de outras organizações de esquerda formadas no período, garantindo a adesão de diferentes classes ou grupos sociais, ainda que fundada por sujeitos da classe média. (PRIMO, 2006: 35) A investigação da autora acerca das “forças políticas”, como trabalhadores, mulheres, estudantes e pecebistas, que, reunidos na ANL, usaram-na como meio de lutas por reformas sociais e antifascistas, levantou a discussão sobre a ligação entre o PCB e aquela organização.

A aproximação aconteceu a partir de maio de 1935, quando os pecebistas enxergaram a ANL como “instrumento” para alcançar o poder, embora o PCB tenha reivindicado, em manifestos, a paternidade da organização. Do ponto de vista historiográfico há uma “bifurcação” interpretativa entre os autores que acreditam que a ANL foi originária do PCB, a exemplo de Edgar Carone, e os que a enxergam como fruto de uma reunião de forças, com certa independência do PCB, como Marly Vianna. (PRIMO, 2006: 52-53) Para este trabalho, no entanto, importa perceber como essa associação foi utilizada pelo integralismo enquanto estratégia política.

Os integralistas equiparavam as duas coisas e cobravam de Vargas medidas de segurança contra aliancistas. O governo, por sua vez, utilizava-se do argumento de filiação da ANL ao Partido Comunista a fim de colocá-la na ilegalidade, como o fez em 11 de julho de 1935. A ligação entre PCB e ANL, defendida pelos jornais opositores, como no caso de *O Serrinhense*, foi reforçada a partir da eleição de Prestes como presidente de honra da organização e do seu manifesto lançado em 5 de julho, no qual explicitou as pretensões revolucionárias da Aliança, determinando a sorte da organização.

Segundo Jacira Primo, os aliancistas ao longo dos meses tentaram, sem bons resultados, reafirmar seus objetivos independentemente das “divergências ideológicas”. (PRIMO, 2006: 75-76) Dessa forma, considerando que a própria Aliança reivindicava sua autonomia em relação ao PCB e que a ligação com ele foi alimentada por grupos políticos “rivais” e pelo governo, o convite feito aos integralistas, através do manifesto baiano de março de 1935 não foi absurdo como Demóstenes Martins tentou demonstrar em matéria do jornal *O Serrinhense*.

O Chefe de Tucano apoiou-se nesse fato para tentar desmoralizar a ANL, por ele considerada exemplo de “maçonaria política”, ao concluir que os problemas de definição somados à falta de consistência doutrinária não tornavam os aliancistas confiáveis. Os riscos que poderiam oferecer à família, a Deus, à propriedade e ao próprio integralismo foram suficientes para Demóstenes Martins arrematar, “não há outro caminho”.

Por outro lado, a ANL também provocava e agia contra os integralistas, desmascarando o seu “falso nacionalismo” e alertando quanto à sua ligação com o imperialismo e os agentes fascistas no Brasil. Os métodos de ação variavam da agressão verbal à física, em confrontos abertos contra os “galinhas verdes”. Apesar dessa hostilização recíproca, AIB e ANL assemelhavam-se em pontos como organização das células com a manutenção da hierarquia, luta contra os capitais estrangeiros, inspiração nos movimentos internacionais, nacionalismo, uma antifascista e a outra anticomunista, entre outros. (PRIMO, 2006: 62)

A carga doutrinária dos textos publicados em *O Serrinhense* demonstra que o jornal cumpriu seu papel ao divulgar o programa político da AIB na cidade de Serrinha e região, embora não tenha sido criado para o movimento. Além da publicação de textos de lideranças nacionais, demonstrando a correspondência com as orientações doutrinárias, lideranças regionais e locais, a exemplo de Rubem Nogueira, contribuíram assiduamente com essa tarefa de arregimentação de adeptos, publicando, entre outras, matérias sobre o “Voto do camisa-verde”, em um espaço criado para falar diretamente aos integralistas sobre a doutrina do Sigma.

Referências Bibliográficas

BARROS, Salomão Antonio. *Vultos e Feitos do Município de Alagoinhas*. Salvador, 1979.

CALIL, Gilberto Grassi. A imprensa integralista no Pós-Guerra: os jornais “Reação Brasileira”, “Idade Nova” e “A Marcha”. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Guaíba: Sob Medida, 2011, p. 327-354.

CAVALARI, Rosa Maria Feteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

FAGUNDES, Pedro Ernesto. Páginas verdes: publicações da Ação Integralista Brasileira (AIB) no Estado do Rio de Janeiro. GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Guaíba: Sob Medida, 2011, p. 241-256.

FERREIRA, Laís Mônica Reis. *Integralismo na Bahia: gênero, educação e assistência social em “O Imparcial” (1933-1937)*. Salvador: EDUFBA, 2009.

FRANCO, Tasso. *Serrinha: a colonização portuguesa numa cidade do sertão da Bahia*. Salvador: EGBA/Assembleia Legislativa do Estado, 1996.

FRANCO, Tasso. *O chalé do meu avô: pedacinhos da vida*. Coleção: História da Bahia. V. 2. 1ª Ed. Salvador, Ojuobá, 2010.

LINS, Marcelo da Silva. *Os vermelhos nas terras do cacau: a presença comunista no sul da Bahia (1935-1936)*. 2007. 255 f. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, Salvador, 2007.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. A imprensa da Ação Integralista Brasileira em perspectiva. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Guaíba: Sob Medida, 2011, p. 19-46.

PRIMO, Jacira Cristina Santos. *Tempos Vermelhos: a Aliança Nacionalista Libertadora e a Política Brasileira (1934-1937)*. 2006. 132 f. Dissertação – Mestrado em História Social (UFBA), Salvador, 2006.

SAMPAIO, Consuelo Novais. *Poder & Representação: o legislativo da Bahia na Segunda República (1930-1937)*. Salvador: Assembleia Legislativa. Assessoria de Comunicação Social, 1992.